

# Aconteceu

Há 75 anos atrás (ano 9, número 94, fevereiro de 1940)



## Djalmaíta – um novo mineral radio-ativo

(por Caio Pandiá Guimarães)

Em viagem feita pelo Dr. Otávio Barbosa á Fazenda da Posse, distrito de Brejauba, no estado de Minas, para estudar um pegmatito que é lavrado para extração de água-marinha e bismuto, colheu o citado engenheiro algumas amostras de minerais da família dos niobo-tantalatos, que me ofereceu para serem estudados. (...) Os cristais são octaédricos. (...) A análise química revelou altos teores de urânio e tório, além de tungstênio, molibdênio, zircônio e outros elementos raros. (...) Tal descrição não tem similar na literatura mineralógica, razão pela qual proponho o nome “djalmaíta”.

## MAIS UM ANIVERSÁRIO

Em fevereiro corrente completa oito anos de existência a Revista de QUÍMICA INDUSTRIAL. Tal acontecimento para os que trabalham na feitura desta publicação assume particular importância. (...) Desde 1932 vimos, em verdade, cumprindo a missão, que nos impuzemos, de editar uma revista de química aplicada, acessível aos industriais do país e de interesse para os químicos industriais. (...) Esta publicação não se enquadra naqueles moldes rígidos de jornal científico ou de órgão massadamente técnico. Flexível, acompanhando o ritmo de trabalho nacional, tem mudado de feições e continuará certamente mudando porque o progresso se afirma, em última análise, como resultante de movimento. Há um aspecto que particularmente nos é grato assinalar aqui: a Revista de QUÍMICA INDUSTRIAL dedica especial atenção às cousas do Brasil. Suas coleções anuais estão repletas de artigos fundamentados sobre o estudo tecnológico de matérias primas nacionais. (...)



A PRINCEZA DAS MATÉRIAS PLÁSTICAS  
A senhorinha Dorothy McBride, a quem foi dado o título de Princesa das Matérias Plásticas na Conferência da Distribuição recentemente celebrada em Boston.

## Química e os Plásticos

(...) Hoje [1940] são treze, pelo menos, os diversos tipos de matérias plásticas que se encontram no mercado.

Todos os anos, aproximadamente, surge um novo tipo delas, em vez de um a cada vinte anos, como sucedia antes de 1929. (...)

As fábricas de automóveis são as que fazem maior consumo de matérias plásticas (...) e em seguida vêm as mulheres (...) em cujos adornos femininos esses materiais têm nada menos que quinze diversas aplicações. (...)

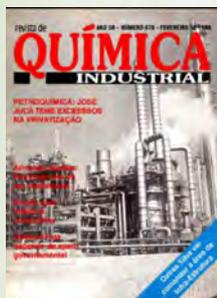
À senhorinha Dorothy McBride, de Nova Iorque, lhe foi conferido o título de “Rainha das Matérias Plásticas”. (...)

Há 25 anos atrás (ano 58, número 678, fevereiro de 1990)

## Editorial

(por Peter Rudolf Seidl)

Em breve o mundo estará dividido entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem. Esta previsão, externada durante uma mesa redonda do recente Congresso Brasileiro de Química, em São Paulo (...) reflete a crescente importância que adquirem os processos de geração, transmissão e absorção de conhecimentos. Implica também em pesada responsabilidade para revistas especializadas como esta, que desempenham um papel significativo ao longo desses processos. (...) A edição de fevereiro da REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL constitui um marco importante em seu papel de captar e difundir informações. No mês em que completa 58 anos, a REVISTA colheu manifestações e depoimentos de pessoas das mais competentes e bem-informadas sobre o que se pode esperar para a química brasileira no novo período de nossa história que se inicia com a posse do primeiro presidente eleito diretamente pela população em quase 30 anos. (...) A edição de aniversário marca também uma nova fase editorial da REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL. A ABQ não mediu esforços em trazer para sua revista o que há de melhor em jornalismo especializado na área. (...)



## Patentes: país resiste à pressão

(por José Carlos Campana Gerez)

O modelo de industrialização, calcado na substituição de importações, iniciado nos anos 50, (...) encontra-se praticamente esgotado para a América Latina e, em particular, para o Brasil, que nesses trinta e poucos anos logrou implantar um parque industrial bastante diversificado. Esse modelo, sem o necessário controle democrático, degenerou-se ao longo dos anos (...) O resultado, como não poderia deixar de ser, é uma absurda defasagem em relação aos custos internacionais que inibe o consumo que, por sua vez, limita o crescimento. (...) A elevada dependência externa de insumos de QF [química fina] reflete-se no controle do mercado nacional por empresas transnacionais (ETs), pois estas obtêm suas matérias-primas em articulação com suas respectivas matrizes, enquanto as empresas nativas são completamente dependentes de fornecedores alternativos, o que determina perda de competitividade e ausência de horizonte estratégico. (...)

Há 50 anos atrás (ano 34, número 394, fevereiro de 1965)

## Indústria de ácido fosfórico no Brasil

Na edição de junho de 1963 publicamos nesta seção uma nota a propósito dos estudos para instalação de uma fábrica de ácido fosfórico em Pernambuco. (...) Era uma firma de São Paulo interessada em montar no estado nordestino o estabelecimento, com a utilização da fosforita pernambucana. (...) Em fins do ano passado [1964] voltou-se a falar, no Recife, no empreendimento. (...) Parte dos estudos foi efetuada pela Israel Mining Industries. (...) O projeto pernambucano foi apresentado a SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste –, que o considerou de grande interesse para a economia regional. Sua execução, todavia, depende de amplos recursos financeiros. (...)



## Abrasivos

(por Sylvio Froes Abreu,  
Diretor-Geral do Instituto  
Nacional de Tecnologia)

São materiais usados para desgastar, perfurar ou polir outras substâncias. Os abrasivos são usados sob forma de peças grandes ou de partículas de várias dimensões, desde grãos até pó finíssimo. As pedras para desgaste, pedras para amolar, lixas ou pós para polimento são as principais formas de apresentação dos abrasivos.

O abrasivo deve ser suficientemente duro e ter granulação adequada à finalidade a que se destina, sendo classificado de acordo com a dureza.

## Estuda-se a nomenclatura da química orgânica em português

No último Congresso Brasileiro de Química realizado na Bahia, deliberou-se que a questão da nomenclatura de química orgânica em língua portuguesa fosse estudada por um grupo de professores a fim de apresentar-se, no próximo certame, pelo menos um esboço de nomenclatura.

No 15º Congresso Brasileiro de Química, que se efetuará no mês de julho, nesta cidade [Rio de Janeiro], o assunto merecerá o devido destaque, sendo vários os estudiosos que contribuirão com trabalhos.

A Divisão de Química Orgânica e Bioquímica da Seção Regional da Guanabara da Associação Brasileira de Química, muito empenhada em que haja em nosso país regras bem definidas e claras a respeito da nomenclatura em química orgânica, vem trabalhando no sentido de apresentar um documento básico para ser discutido e ter-se, por fim, uma resolução que atenda às aspirações gerais.

Há 1 ano atrás (ano 82, número 742, 1º trimestre de 2014)

## Biodiesel e bioetanol – dois combustíveis com a cara do Brasil

(por Cláudio Mota, Eduardo Cavalcanti, Elba Pinto da Silva Bon e Viridiana Santana Ferreira Leitão)

A soja responde hoje em dia no Brasil por cerca de 75 a 80% da produção de biodiesel, tendo o sebo animal uma fatia ao redor de 15 a 20%. (...) Em caráter excepcional podemos destacar os óleos de palma, girassol, pinhão manso e macaúba, bem como a mamona e óleos e gorduras reaproveitados extraídos de fontes domésticas, urbanas e industriais. (...)

Além do benefício ambiental, com a diminuição da emissão de CO na atmosfera, (...) a utilização do biodiesel traz inúmeras vantagens em relação ao óleo diesel tradicional, oriundo do petróleo. Podemos destacar a menor emissão de monóxido de carbono, hidrocarbonetos e particulados, além de uma melhor queima no motor, pois o biodiesel possui maior número de cetanas que o diesel comum. Há também uma menor emissão de enxofre, pois o biodiesel é virtualmente isento desse elemento. (...) No plano econômico o biodiesel contribui para a geração de empregos e renda no setor primário, o que no Brasil é de suma importância para o desenvolvimento regional e social. (...)

O bioetanol é o 'etanol de biomassa', também chamado etanol de 2ª geração. É obtido pela fermentação alcoólica dos xaropes de biomassa que apresentam glicose e xilose. Estes açúcares provêm da hidrólise enzimática dos polissacarídeos celulose e hemicelulose, que são componentes macromoleculares da parede celular das plantas. (...) Além dos polissacarídeos celulose e hemicelulose, a parede vegetal das plantas apresenta em torno de 25% de um terceiro componente, a macromolécula aromática lignina, que não é usada para a produção de bioetanol. (...) Esta pode ser usada como combustível sólido nas usinas para cogeração, substituindo o uso do bagaço. (...) Apesar de todas essas vantagens, a tecnologia para o etanol de 2ª geração é mais cara em relação àquela usada para o etanol de 1ª geração, pois a biomassa precisa ser pré-tratada e hidrolisada com enzimas para a obtenção dos xaropes de biomassa que serão fermentadas a etanol. (...)

